

Relações, afetividade e significações musicais dos bebês

GTE 10 – Educação Musical na Infância

Comunicação

*Fernanda Peres Gilberti
Unicamp
fpgilberti@gmail.com*

Resumo: Este trabalho propõe uma discussão sobre a influência da dimensão afetiva no desenvolvimento musical durante o primeiro ano de vida, apresentando algumas reflexões preliminares de uma pesquisa de doutorado em andamento. Partindo da perspectiva da psicologia histórico-cultural, abordaremos as formas de interação e percepção da linguagem musical pelos bebês, buscando articulações entre as experiências vivenciadas e o desenvolvimento musical. A pesquisa inicia-se pelos estudos sobre afetividade, aprendizado e desenvolvimento com base nas abordagens de Vigotski e Wallon, prosseguindo em uma segunda etapa para a realização de um estudo de caso a partir da execução de uma roda de música com mães e bebês, com a finalidade de coletar dados complementares para a discussão proposta. Dentre as principais conclusões da pesquisa até o momento, destacamos a influência das relações afetivas nas possibilidades de percepção e significação das experiências musicais.

Palavras-chave: Educação musical de bebês; Desenvolvimento musical; Percepção musical.

Introdução

O desenvolvimento musical de bebês e crianças pequenas tem sido um foco de interesse das pesquisas em educação musical, acompanhando as discussões mais recentes sobre estudos de bebês nos campos da psicologia, educação e sociologia, entre outros. Na busca de uma melhor compreensão das especificidades desse processo, nos deparamos com diversos questionamentos como: de que maneira os bebês interagem com a música? O que está envolvido nas primeiras experiências musicais? Como se desenvolve a percepção musical dos bebês? O que torna uma experiência musical determinante ou não na constituição musical da criança?

Nesse sentido, além de olhar para os conteúdos, os materiais e o desenvolvimento de habilidades musicais, torna-se necessária uma abordagem mais ampla, que inclua outras dimensões da experiência musical. Considerando o envolvimento de pessoas e situações,

bem como de estímulos expressivos e sensoriais como movimentos, gestos, modos de falar e de olhar, entendemos que a apreensão de sentidos musicais não está relacionada apenas à materialidade sonora ou a determinados elementos isoladamente, mas às formas de vivenciar o discurso musical.

Com base na perspectiva da psicologia histórico-cultural, apresentamos neste trabalho um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento que envolve duas etapas. A primeira consiste no estudo bibliográfico para o aprofundamento de nossa compreensão sobre o papel da afetividade, presente na relação entre a mãe e o bebê, nos processos de aprendizagem e desenvolvimento musical do bebê, a partir das abordagens de Vigotski e Wallon. A segunda etapa envolve um estudo de caso com observação participativa da pesquisadora. Nesta etapa será realizada uma roda de música com mães e bebês durante um semestre com o objetivo de vivenciar e compartilhar de experiências sonoro-musicais. Através de registros em diário de campo e gravações de áudio e vídeo, além de entrevistas, iremos coletar dados complementares, o que possibilitará uma uma compreensão e análise mais profundas da discussão proposta.

Partindo da ideia de desenvolvimento como um processo dialético de constituição humana, no qual a relação com outro e a afetividade são centrais, propomos com base na perspectiva da psicologia histórico-cultural uma reflexão sobre o desenvolvimento musical a partir da constituição das relações entre o bebê e a música. Abordaremos inicialmente as formas de interação e percepção da linguagem musical pelos bebês, discutindo em seguida algumas articulações entre as experiências vivenciadas e o desenvolvimento musical.

A interação entre o bebê e o meio

A música está presente nas experiências cotidianas do bebê desde antes de seu nascimento. Estudos mostram que durante a gestação, através da mãe, o bebê já começa a perceber e reagir aos estímulos sonoros de seu ambiente (ILARI, 2002, p.84). E essas interações se intensificam após o nascimento, com o aumento das possibilidades de expressão e percepção sonora do bebê.

Nesse contexto, diversos aspectos das experiências dos bebês podem ser indistintamente associados e unidos entre si, como músicas, sensações corporais, pessoas, objetos, movimentos, sons, sentimentos, emoções, lugares e imagens, entre outros, caracterizando o que é definido como sincretismo. Segundo Galvão, "no sincretismo, tudo

pode se ligar a tudo, as representações do real (ideias, imagens) se combinam das formas mais variadas e inusitadas, numa dinâmica que mais se aproxima das associações livres da poesia do que da lógica formal” (GALVÃO, 2000, p.81).

O sincretismo está diretamente ligado ao modo dos bebês e crianças interagirem e se relacionarem com o meio, caracterizando a percepção de bebês e crianças. No caso da música, por exemplo, os bebês demonstram criar relações distintas entre as canções frequentemente cantadas pela mãe e outros repertórios, mesmo quando interpretadas por outras pessoas (TREHUB, 2019, p.12). Podemos pensar que essa relação com as canções maternas pode estar ligada, possivelmente, ao vínculo afetivo do bebê com a mãe, que ao ouvi-las demonstra reconhecê-las e reage de modo distinto.

Ao abordar o desenvolvimento psicológico na infância, Wallon (2007, p.149) ressalta o predomínio da dimensão afetiva nas interações dos bebês com o meio durante o primeiro ano de vida. Em sua abordagem da psicogênese humana, baseada na integração e interferência mútua entre afetividade, cognição e movimento (que conjuntamente representam uma visão integral da pessoa), Wallon propõe uma compreensão da criança em sua integralidade, como um ser socioculturalmente constituído através da relação com o meio. Nessa teoria, a atuação integrada dos três campos funcionais correspondentes à afetividade, cognição e movimento é caracterizada a cada estágio pela predominância da afetividade ou da cognição alternadamente.

O primeiro ano de vida, que corresponde ao estágio impulsivo emocional, é marcado pela transição de um estado indiferenciação do bebê com as pessoas, os objetos e situações para a conscientização de si, do **eu corporal** e do **eu psíquico** do bebê diferenciado do **outro** e do meio físico (GALVÃO, 2000, p.45).

Nesse contexto, o bebê interage através de uma comunicação essencialmente afetiva com a mãe e outras pessoas próximas, baseada em manifestações corporais e expressivas. Os movimentos corporais, posturais, o choro, o riso, os gestos, as atitudes, as vocalizações e as mímicas estabelecem um campo de comunicação e um vínculo entre a criança e a mãe (o outro). E é a partir dessas interações que o bebê estabelece associações e apreende as interpretações e significados dados pelo meio (MAHONEY; ALMEIDA, 2009, p. 26).

O sincretismo e a afetividade predominantes nas interações do bebê conferem um grande potencial de desenvolvimento às experiências mediadas por relações afetivas, tanto

de vínculo com o outro como a relação mãe-bebê, quanto daquelas envolvendo situações, objetos, canções e outros elementos da experiência. Ao embalar seu bebê com uma canção de ninar, por exemplo, a mãe terá uma inflexão e intensidade vocais, uma expressão facial, terá uma forma de aconchegar o bebê em seu colo, irá caminhar ou balançar no lugar definindo um ritmo de movimentos corporais, entre outros estímulos sensoriais. Além disso, os vínculos afetivos com a mãe, a frequência dessas interações, o lugar e outros aspectos dessa experiência serão conjuntamente percebidos, relacionando-se diretamente aos sentidos e relações que o bebê estabelecerá com a música. Nesse contexto, Beyer (2003, p.1, 2008, p.275) destaca a influência da participação da mãe ou do cuidador no interesse e na forma de interação musical dos bebês e, conseqüentemente, no desenvolvimento musical das crianças.

A percepção musical no primeiro ano de vida

Vigotski (1998, p. 27), ao abordar o processo de percepção também destaca a influência da motricidade e da afetividade durante as primeiras etapas do desenvolvimento humano. Afirma que a percepção não se desenvolve de modo isolado, mas nas fases iniciais do desenvolvimento está ligada à motricidade e à reação emocional, libertando-se com o tempo da conexão com o afeto imediato (VIGOTSKI, 1998, p.27). Assim, a percepção gradualmente se diferencia como função através do desenvolvimento, caracterizando-se então de modo distinto na infância e na idade adulta.

Dessa maneira, não há como pensar na percepção como um processo separado dos aspectos afetivos e motores da criança. Segundo Vigotski, a percepção do conjunto é anterior à das partes, ou seja, a criança inicialmente tem uma percepção da situação global, de sua estruturação e integralidade, e não de objetos isolados. Sendo assim, podemos pensar que a percepção de alturas, durações, intensidades e outros elementos sonoros não pode ser anterior à da própria música. Mais do que isso, "a própria percepção de aspectos objetivos isolados desse objeto depende do sentido, do significado que acompanha a percepção" (VIGOTSKI, 1998, p.16), ou seja, os sentidos atribuídos às partes estão diretamente vinculados à percepção do todo.

Assim, a preocupação com a percepção de elementos e propriedades sonoras abstraídas de um contexto musical, como por exemplo, sons graves e agudos, curtos e longos ou diferentes timbres instrumentais, possivelmente não fará sentido para a criança e

nem possibilitará melhores condições de compreensão musical. Conforme aponta Schroeder (2009, p.47), é necessário partir sempre de um contexto esteticamente estruturado, privilegiando o aspecto discursivo da música, mesmo quando a proposta for trabalhar algum elemento específico. Nessa perspectiva, Vigotski opõe-se à ideia da associação e soma de percepções de partes isoladas como uma etapa que precede a percepção do conjunto, que na música corresponderia à assimilação de elementos musicais como requisito para a compreensão e desenvolvimento musical.

Desse modo, a interação do bebê com a mãe em uma brincadeira cantada com movimentos, como por exemplo, a canção *Bambalalão*, provavelmente será percebida musicalmente pelo bebê a partir de diversos elementos além de sua realização sonora. A percepção da canção irá integrar a forma como a mãe canta a música, a presença da mãe e do vínculo afetivo representado por ela, os movimentos corporais realizados com a música, as sensações de agitação, entusiasmo ou alegria, ou seja, vários elementos que provocariam outras percepções se, por exemplo, essa canção fosse ouvida através de uma gravação ou se ela fosse cantada (pela professora) com outros bebês na aula de musicalização. Sendo assim, várias percepções musicais serão possíveis de acordo com a articulação entre os elementos do contexto, que de modo único e subjetivo, constituirão as vivências musicais do bebê.

Nessa perspectiva, as relações estabelecidas com os elementos do meio vinculam-se diretamente à significação da linguagem musical, sendo que para os bebês e as crianças pequenas é na relação com todo o contexto através das vivências, e não de maneira abstrata e isolada, que a música se constitui e poderá ser percebida. Assim, as vivências se colocam de modo central para a compreensão do papel do meio no desenvolvimento musical.

O meio e as primeiras vivências musicais

Na abordagem histórico-cultural o desenvolvimento é entendido como um processo dialético, no qual cada indivíduo se constitui socioculturalmente a partir das interações com o meio (VIGOTSKI, 2007, p. 58). É através do contato mediado por outras pessoas e pelos sistemas simbólicos (como a música e a linguagem) que os significados culturais são compartilhados e apreendidos. Dessa forma, será através das primeiras interações e brincadeiras musicais com a mãe, por exemplo, que o bebê terá contato com a música e seus significados.

Cada bebê irá vivenciar essas experiências de uma maneira, significando e construindo relações únicas e pessoais com a música. Assim, as relações estabelecidas a partir da *perejivanie*¹, ou das vivências, vinculam-se diretamente à significação dos elementos e situações do meio, compreendido nesta abordagem como uma integração dinâmica entre o ambiente físico, social, cultural e também a subjetividade de cada indivíduo (PINO, 2010, p. 753).

O contexto das experiências musicais envolve então, além do conteúdo musical, as pessoas, as situações, os lugares, os vínculos afetivos e outros elementos integrados pela vivência de cada bebê. Desse modo, a apreensão de sentidos musicais não se reduz à materialidade sonora ou a determinados elementos e situações isoladamente, mas está ligada essencialmente às relações entre o bebê e todo o contexto do discurso musical vivenciado. A esse respeito Vigotski afirma:

O meio exerce essa influência, como colocamos, pela vivência da criança, ou seja, de acordo com o que a criança elaborou na sua relação interior para com um ou outro elemento, para com essa ou aquela situação no meio (VIGOTSKI, 2010, p. 691).

No caso dos bebês, as experiências mediadas por vínculos afetivos irão adquirir uma grande potencialidade de desenvolvimento musical. A dimensão afetiva envolvida nas cantigas de ninar, nas músicas de contar dedinhos, de balançar o corpo ou de experimentar sons cantadas pela mãe estará diretamente vinculada às primeiras relações do bebê com a música, tanto pelo vínculo com o outro, representado neste exemplo pela relação mãe-bebê, quanto pelas relações com situações, objetos, canções e outros elementos do ambiente sociocultural. Assim, ressaltamos a importância da qualidade das mediações como um aspecto determinante no modo dos bebês e crianças vivenciarem e significarem a música a partir de suas experiências e, logo, em seu desenvolvimento musical.

¹ Conforme aponta a tradutora, o termo *perejivanie* é constituído pelo prefixo *pere-* (através) e *-jit'* (viver), e etimologicamente significa “viver através” de algo. Assim o vocábulo “vivência” é usado como aquele que mais se aproxima do sentido original do termo em russo.

Considerações preliminares

A reflexão sobre o desenvolvimento musical nos leva à perspectiva de que este não acontece como um processo isolado, mas está intrinsecamente ligado à dimensão afetiva e às relações estabelecidas com a música a partir das vivências do bebê. Sendo assim, não se trata de analisarmos isoladamente conteúdos, materiais e habilidades musicais desenvolvidas (ou não) como parâmetros absolutos ou determinantes, mas de abordarmos quais relações existem entre os bebês e a música. É necessário olhar e refletir a partir do processo e de seu funcionamento de modo integral, ou seja, considerar todo o contexto das experiências do bebê, como seus elementos se articulam e são vivenciados. Conforme afirma Pino, "se cabe ao educador interpretar as vivências que a criança tem do meio, é função da própria criança 'viver a significação' das situações em que se manifesta o meio" (PINO, 2010, p. 753). Dessa forma, acreditamos que poderemos construir novas formas de pensar e viver a educação musical, permitindo que os bebês possam de fato vivenciar a linguagem musical.

Referências

BEYER, Esther. A interação musical em bebês: algumas concepções. *Revista do Centro de Educação*, Santa Maria: UFSM, v. 28, n. 2, p. 87-97, 2003.

_____. A importância da interação no desenvolvimento cognitivo musical: um estudo com bebês de 0 a 24 meses. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, 4, 2008, São Paulo. Anais. São Paulo: Paulistana, 2008, p. 271-276.

GALVÃO, Izabel. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

ILARI, B. S. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. *Revista da ABEM*, n. 7, p. 83-90, 2002.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho (org.). *Henri Wallon: Psicologia e Educação*. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

PINO, Angel. A criança e seu meio: contribuição de Vigotski ao desenvolvimento da criança e à sua educação. *PSICOLOGIA USP*, São Paulo, 21(4), p. 741-756, 2010.

SCHROEDER, Silvia Cordeiro Nassif. A educação musical na perspectiva da linguagem: revendo concepções e procedimentos. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 21, p. 44-52, 2009.

TREHUB, Sandra E. Nurturing infants with music. *International Journal of Music in Early Childhood*, 14, p. 9–15, 2019.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. *Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Trad.: J. C. Neto, L. S. M. Barreto, S. C. Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. Quarta aula: a questão do meio na pedologia. Tradução Márcia Pileggi Vinha. *PSICOLOGIA USP*, São Paulo, 21(4), p. 681-701, 2010.

WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. Trad.: C. Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2007.